

## FICHA TÉCNICA

Título original: *The Children's Block*

Autor: *Otto B. Kraus*

Copyright © Otto B. Kraus 2019

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2019

Tradução: *Maria João Ferro*

Revisão: *Nuno Pereira/Editorial Presença*

Capa: *Head Design e May Evans Picture Library*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 461 332/19

1.ª edição, Lisboa, outubro, 2019

Reservados todos os direitos  
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

**EDITORIAL PRESENÇA**

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

## INTRODUÇÃO

Quando a Segunda Guerra Mundial terminou, os sobreviventes começaram a regressar, vindos dos campos de concentração nazis. Porém, as pessoas que tinham permanecido nas suas casas durante a guerra não foram capazes de ouvir os prisioneiros a descrever aquilo por que tinham passado. Diziam que ouvir aqueles horrores era demasiado doloroso e provocar-lhes-ia pesadelos, ou então desconsideravam as nossas descrições, considerando-as tremendamente exageradas.

Por isso, deixámos de falar sobre as nossas experiências, a não ser quando nos encontrávamos na presença de outros companheiros sobreviventes.

Numa dessas ocasiões, Harry T., que, como o meu marido, fora professor no bloco das crianças, virou-se para o Otto e disse-lhe:

— Não te parece, Otto, que está na altura de escrevermos sobre o bloco das crianças em Auschwitz-Birkenau? Aquele bloco era único em toda a estrutura nazi de extermínio dos judeus. Alguns de nós ainda estamos vivos, mas depois de partirmos, não restará ninguém para contar a história. Tu és escritor, devias ser tu a fazer isso.

O Otto começou a fazer apontamentos sobre os acontecimentos de que se recordava e eu também contribuí com as minhas notas. Mais tarde, ele começou a visitar antigos colegas do bloco das crianças que se encontravam espalhados pelos kibutztes e por várias cidades de Israel. Demorou vários anos a recolher o material, porque trabalhava como professor numa escola e só estava disponível

aos fins de semana. Não tínhamos carro e ele tinha de se deslocar em transportes públicos, que, como é do conhecimento geral, não operam no sabat, em Israel. As pessoas ainda não dispunham de telefone, pelo que as visitas tinham de ser combinadas por carta.

No decurso desses encontros com os antigos colegas professores, Otto descobriu um facto surpreendente. Olhando para a taxa de mortalidade dos prisioneiros, verificou que uma percentagem muito mais elevada daqueles que tinham trabalhado com as crianças se mantinham vivos, em comparação com os outros prisioneiros.

A razão não podia estar no facto de lhes darem mais comida. Isso não acontecia. Mesmo no bloco das crianças, os adultos comiam a mesma sopa dos restantes prisioneiros. As crianças recebiam uma sopa mais nutritiva, mas o responsável pelo bloco, Fredy Hirsch, proibira o pessoal de tirar nem que fosse uma colherada da sopa das crianças.

O Otto chegou à conclusão de que fora a missão que tinham em mãos que dera força e energia aos professores. Tinham um objetivo que os ajudou a ultrapassar o terror da morte iminente e a tristeza de perderem as suas jovens vidas. Dedicaram-se a aliviar o sofrimento das crianças. Esta ideia está em consonância com a filosofia de Victor Frankl.

Planear a estrutura deste romance foi um processo moroso. O Otto não queria que fosse apenas mais um documentário da tragédia do holocausto. Já existem muitos livros desse teor. Via-o muitas vezes sentado à secretária, a olhar para o vazio. Nessas alturas, dizia-me:

— Não penses que estou parado sem fazer nada. Estou a pensar.

Ele criou as personagens do livro com base em pessoas que conhecia. Contudo, mudou-lhes a identidade, de modo que elas não se conseguissem reconhecer. Por exemplo, Lisa Pomnenka é inspirada em duas jovens que decoraram a parede do bloco das crianças. Cenas que eu própria testemunhei ou coisas que me aconteceram foram acrescentadas pelo Otto a outras personagens. O herói do romance, Alex Ehren, também é ficcional, embora o Otto tenha incluído na personalidade dele alguns elementos biográficos de si próprio. E, claro, aquele diário secreto, na verdade, não existiu.

Finalmente, o Otto estava preparado para começar a escrever. Depois das aulas, sentava-se à secretária ou à sombra de uma árvore no nosso alpendre e escrevia. Havia alturas em que tinha de parar de escrever, de tão perturbado que ficava pela emoção. Numa ocasião, encontrei-o com a cabeça pousada nos braços cruzados em cima da secretária, a soluçar. Acabara de escrever o poema *Verde*.

O título da edição checa do livro foi retirado de um verso do poema: *O fumo é meu irmão*.

Quando o Pavel Stránský, amigo de longa data do Otto, nos veio visitar a Israel, ofereceu-se para traduzir para checo este romance que o Otto escrevera. A primeira edição checa do livro foi publicada em Praga, em 1993. Em 1995, saiu a edição inglesa, mas esta só foi distribuída em Israel, onde existe apenas um pequeno grupo de leitores em inglês. Mais tarde, o livro também foi traduzido para francês (2013) e hebraico (2014).

Agora, está disponível em todo o mundo, graças à Penguin Random House. Vou à sua campã sussurrar-lhe a boa nova. Talvez chegue até ele.

Dita Kraus



## PRÓLOGO

A história narrada neste livro baseia-se nos diários de Alex Ehren. Tive de editar o manuscrito, que teria sido obscuro para os leitores que não conhecessem o campo familiar checo em Auschwitz-Birkenau. Fui preenchendo as lacunas onde faltavam páginas, quer por se terem perdido quer por simplesmente não terem sido copiadas quando foi feito à pressa o exemplar que recebi por intermédio do Antonin Dominicus. Mantive a narrativa próxima do original, embora tenha alterado os nomes das pessoas; muitas delas já morreram, mas aquelas que ainda estão vivas podiam sentir-se melindradas pelos acontecimentos descritos no diário.

Enquanto folheio estas páginas, recordo o esconderijo que escavávamos debaixo do nosso beliche. Retirávamos a terra à vez, com as nossas tigelas da sopa, que depois espalhávamos pela estrada do campo, onde se derretia na lama. Trabalhávamos com as nossas colheres, mas tínhamos muito cuidado para não partirmos os cabos porque, se alguém ficasse sem colher, teria de lamber a sopa como um cão. Cobríamos o buraco com uma tábua, que o Shashek conseguiu arrancar de detrás da sua cama, numa zona que era escura mesmo a meio do dia. Se alguém tivesse reparado na tábua que faltava, o responsável pelo bloco ter-nos-ia aplicado uma pena de vinte açoites com uma vergasta. Guardávamos alguma terra, que depois espalhávamos sobre a tábua para que parecesse a terra compactada do chão, e abríamos o nosso esconderijo apenas à noite para lá escondermos as páginas que o Alex Ehren escrevera durante o dia.

No final de junho, a data prevista para a nossa execução, tínhamos cento e vinte e três folhas do diário escritas na diminuta caligrafia do Alex Ehren, cujas terminações acabavam todas enroladas como a cauda de um porquinho e cuja letra «g» parecia o algarismo oito.

Dormíamos num beliche para quatro pessoas mas, em alturas de sobrelotação, éramos sete e por vezes oito de cada vez. Havia tão pouco espaço que, quando um de nós precisava de aliviar a pressão no corpo, tínhamos todos de nos virar num emaranhado de pernas, peitos e barrigas ocas como se fôssemos uma criatura com vários membros, um deus hindu ou uma centopeia. Desenvolvemos uma relação de intimidade, não só física, mas também mental, porque sabíamos que, embora não tivéssemos saído todos do mesmo útero, iríamos certamente morrer juntos.

Decidimos escrever um diário para estabelecer uma ligação com o mundo. Éramos como uma pedra atirada para o vazio do universo, fora do tempo, condenados, esquecidos e completamente sozinhos. Acreditávamos que, ao deixarmos um relato escrito, não iríamos desaparecer da memória humana como uma palavra rasgada pelo vento ou uma carta escrita na água corrente. Sabíamos que havia poucas probabilidades de alguém vir a ler o diário. As páginas podiam cair nas mãos do responsável pelo bloco, que as reduziria a cinzas. Além disso, mesmo que o conjunto de folhas sobrevivesse, podia nunca vir a ser encontrado depois de nos obrigarem a marchar para as câmaras de gás. Ainda assim, esta nossa iniciativa alegrava-nos as noites e animava-nos os espíritos durante os nossos dias preenchidos pelo fumo. Escolhemos o Alex Ehren para escrever os registos porque tinha acesso a lápis e papel. Também tinha uma mesa e a privacidade da sua boxe, quando as crianças se reuniam com os pais antes da chamada ao final do dia. Além disso, o Alex Ehren era um poeta e tinha um certo jeito com as palavras. Ainda me lembro de trechos dos seus poemas, mas, depois de tantos anos, é provável que eu tenha alterado alguns versos, ou perdido a cadência do ritmo, ou confundido as expressões com as de outros poemas que li mais tarde. Os poemas dele podem, hoje em dia, parecer triviais, mas na altura ficávamos impressionados, em silêncio, quando ele sussurrava as palavras na escuridão do nosso beliche.

O Alex Ehren era um poeta, mas os registos não eram apenas dele. Partilhávamos não só o espaço apertado da nossa cama, mas também os nossos pensamentos e os nossos medos, aos quais o Alex deu forma em frases e parágrafos arredondados. Éramos todos atores numa peça e, embora não estivéssemos em cima de um palco, as nossas vozes desempenhavam efetivamente um papel. Não sei se houve versos que o Alex guardou só para si, pensamentos e acontecimentos que ele possa ter tido vergonha de partilhar.

Embrulhávamos o diário em papel de alcatrão arrancado do telhado e numa manga de um oleado que tínhamos trocado por uma ração de pão com um prisioneiro de guerra russo. O oleado devia ter pertencido a um pescador do Báltico, porque cheirava a sereias, a peixe e a algas em decomposição. Quando lhe tocávamos, fechávamos os olhos e sonhávamos com a liberdade do oceano, com os barcos que partiam para locais exóticos, com as ilhas que cheiravam a especiarias e as costas adocicadas pelas flores dos limoeiros. Sempre que enterrávamos o embrulho, o seu aroma perdurava nos meus dedos e recordava-me que, embora eu me fosse dissolver numa espiral de fumo, aqueles registos iriam perdurar e testemunhariam aquilo por que havíamos passado.

Depois da guerra, andei demasiado ocupado para viajar até Auschwitz-Birkenau e desenterrar as memórias que me esforçara por esquecer. Tive de recuperar de um surto de febre tifoide que contraíra no campo de quarentena soviético e, quando finalmente regresssei a Praga, só queria construir um mundo que me permitisse substituir aquele que eu perdera. Não tinha família, não tinha casa, não tinha amigos e o diário do Alex Ehren parecia-me ter pouca importância.

Regozije-me com a minha nova liberdade e percorri as ruas, vi o rio a passar por baixo da ponte Carlos e subi os degraus da colina Petřín. Era emocionante estar novamente vivo e poder deslocar-me à minha vontade. Os lilases floresciam nos parques e costumava sentar-me debaixo da sua sombra aromática, observando as jovens a passar e ardendo de desejo pelos seus seios balouçantes. Pela primeira vez em cinco anos, não me consideravam sub-humano, um monstro ou um verme que tinha de ser exterminado. Após meses de uma fome abissal, tinha pão suficiente para me encher o



estômago e, como as pessoas não se encolhiam nem se afastavam de mim como se eu fosse um leproso, estava a reaprender a ser humano. Na verdade, recusara-me a regressar a Auschwitz para procurar o diário. Não queria descer ao abismo da tristeza e reabrir as minhas feridas, que ainda mal haviam começado a sarar. Não queria remexer no lodo de Birkenau, que continha as cinzas do meu pai e dos meus amigos, bem como os ossos das raparigas em cujos cotovelos eu tocara na intimidade de uma sala de cinema nos meus verdes anos antes da guerra. No entanto, acima de tudo, queria esquecer as faces esguias das crianças com as quais trabalhei durante os últimos meses que passei em Birkenau.

Tudo isso impediu-me de tentar recuperar o diário do Alex Ehren. Há o mito de que o homem não consegue sobreviver a um encontro face a face com Deus. Porém, se um homem exposto à luz pura morrerá, não irá esse homem perder a alma depois de ter suportado o derradeiro mal? Houve momentos em que testemunhei acontecimentos tão contranatura que, se não tivesse construído um escudo de insensibilidade em torno do meu coração, teria perecido no terror ou teria sido levado à loucura, ou então, se sobrevivesse, seria incapaz de prosseguir com a minha vida. Não era uma enchente que apenas ia e vinha; não era um golpe súbito de desastre, a morte de uma pessoa amada, mas, sim, a exposição contínua à morte, em que a uma manhã horrenda se seguiam, à noite, temores ainda piores. Eu tinha pesadelos, mas, quando acordava no meu colchão de palha, os meus sonhos nem sequer se aproximavam da terrível realidade. Quanto mais exposto estava ao medo e à impotência, tanto mais espesso se tornava o escudo de gelo, até quase não restar nada do meu coração debaixo do glaciário de insensibilidade.

Ao longo dos anos, o escudo de gelo foi ficando mais fino, embora nunca tenha derretido completamente. Sei quando é o momento certo para rir e quando devo chorar, mas as minhas lágrimas e as minhas gargalhadas são apenas uma máscara. Porque sou um homem isolado do resto da humanidade, apenas parcialmente capaz de amar, de odiar e de sentir.

\* \* \*

Não há acidentes nas nossas vidas, porque os acontecimentos são o resultado de tudo o que já ocorreu, e aquilo que nos acontece tinha mesmo de acontecer e não podia ter sido evitado. Eu recusara-me a recuperar o diário do Alex Ehren porque estava relutante em lidar com o meu passado. A mente humana guarda a dor nas suas caves e eu não queria sequer ter na minha posse as chaves de quartos que trancara e esquecera. Porém, esses registos vieram ao meu encontro da forma e no local onde eu menos esperava.

Foi no final do verão, vinte e três anos depois de eu ter saído de Auschwitz, quando encontrei o jornalista Antonin Dominicus. Ele era, como tantos dos seus compatriotas, um romântico incurável com um fraquinho pela boa comida, pelo conforto e pela segurança financeira, o que o tornava um companheiro agradável, mas um mau mártir. Ele fugira da Checoslováquia depois da invasão soviética, em 1968, e instalara-se em Jerusalém com a intenção de escrever sobre a liberdade, a verdade e a boa vontade entre as pessoas da Terra. Encontrei-o uma segunda vez antes de ele partir para o Canadá, para se tornar editor de um jornal checo em Toronto.

Estávamos sentados num restaurante grego perto do Portão de Jafa, a conversar sobre o complexo de perseguição que os judeus têm. Ele apagou o cigarro com os seus dedos delicados e passou a mão pelo cabelo.

— Sim, sim — disse ele. — Eu compreendo. Já visitei Auschwitz.

Sentia-se culpado porque passara a guerra na segurança de sua casa, enquanto eu fora enviado para os campos. Ele aproximou-se mais da mesa e olhou para a sua chávena de café.

— A maior parte dos blocos de Birkenau já desapareceu — recordou ele. — Foram queimados pelos russos ou desmantelados. Afastei-me do grupo de turistas em que seguia e deambulei pelo espaço. O vento fazia a erva ondular como a água e as chaminés destacavam-se como dedos de uma mão enterrada. Uma experiência surrealista, como se estivesse numa paisagem de Salvador Dali. Ou de Jerónimo Bosch — acrescentou, e desviou o olhar. — Há um monumento de homenagem aos mortos, claro, mas não são mencionados judeus. Os bolcheviques são tremendamente

conservadores, mantêm-se fiéis a Marx e Lenine e aos outros todos. Os judeus não têm nação, como sabes. Eles leem o Lenine como se fosse o Evangelho ou os Dez Mandamentos. Como preferires. — Fez uma pausa no monólogo. — É claro que há documentos. Há milhares de documentos. Há um museu em Auschwitz com uma exposição e até desenhos que alguns prisioneiros rabiscaram nas paredes. A maioria dos papéis está trancada em Varsóvia e não está disponível ao público. No entanto, disseram-me que os podia usar para fins de investigação. Olha que, na altura, eu estava em missão oficial. Era um artista. Um membro do Sindicato dos Escritores, um quadro comunista, «um dos nossos» — acrescentou, fazendo um gesto autodepreciativo com a mão. — Há um diário checo ou algo do género. — Tocou na barba curta. Fez uma pausa e ficou a olhar para mim, pouco à vontade. — Pode ser do teu tempo.

— Devia estar aqui em Jerusalém — disse eu.

— És capaz de ter razão. Mas os polacos não deixam sair de lá nada. Sobretudo depois do Dubček e da primavera de Praga. Uma intriga sionista e aquela confusão toda.

— Chegaste a ler esse tal diário? De quem era?

— Não, não o li. Como é que o conseguiria ler? Limitei-me a folheá-lo ao acaso. Não tive tempo nenhum entre os discursos e os brindes à fraternidade entre checos e polacos. Acabou-se o fascismo, acabou-se a guerra. Viva a União Soviética para todo o sempre. Fraternidade, o tanas! Uma pessoa até sufocava com tanto amor. Uma amizade forjada nos canos das armas. — Ele riu-se com amargura e a voz transbordou de ressentimento. Acendeu mais um cigarro, embora o cinzeiro já estivesse a abarrotar de beatas.

— Esse tal diário — comecei eu — estava escrito a caneta, a lápis? Quantas páginas tinha?

— Já foi há tanto tempo e eu só o vi de fugida. Era a lápis, acho.

As respostas dele não foram muito convictas, mas, passado pouco tempo, eu já não tinha dúvidas de que aquilo que ele vira fora o diário do Alex Ehren. Fiquei tremendamente entusiasmado, mas, ao mesmo tempo, de uma forma estranha e perversa, também me senti satisfeito por saber que aquelas páginas ficariam

sem ser lidas até se desintegrarem, destruídas pelo bolor. Eu tinha um emprego seguro, uma família para sustentar e não me sentia minimamente tentado a debater-me com os fantasmas do passado.

\* \* \*

Durante vários dias depois da nossa conversa, senti-me desconfortável, como se tivesse deixado uma tarefa por concluir. Mas depois a minha consciência adormecia e eu voltava à minha rotina, levantava-me para ir trabalhar, comia as minhas refeições e, duas vezes por semana, fazia amor com a minha mulher. Tinha a certeza de que não voltaria a encontrar o Antonin Dominicus e rapidamente esqueci toda aquela questão.

Mas, um dia, ele voltou.

— Sou como um vaso ruim... — disse ele ao telefone. — Não vou ficar muito tempo, talvez umas duas ou três semanas. Fui contratado para escrever uma história sobre um cavaleiro medieval checo. Vim ver os Salões dos Cruzados, em Acre. Imagina só, um cruzado checo em Acre. Um compatriota na Terra Santa. Como tu.

O Dominicus parecia entusiasmado, simpático, checo e familiar, trazendo consigo o sotaque da minha infância.

— Ainda estás interessado no tal manuscrito de Auschwitz? — perguntou.

— Não tinhas dito que não havia forma de lhe aceder?

— Porque não vens beber uma cerveja com um compatriota?

Ele estava hospedado num dos elegantes hotéis de Haifa e ostentava uma camisa e uns sapatos novos e dispendiosos. Sentámo-nos na esplanada e ele olhou para a costa enublada de Acre.

— Vocês, os judeus, são pessoas muito espertas. Fazem o deserto florescer, constroem kibutzes e rebentam com tanques russos. Mas nunca aprenderam a fazer uma cerveja decente. Não tem pica nenhuma. — Fez um esgar, mas serviu-se de mais um copo. — Há um homem que me consegue arranjar uma fotocópia. Mas... — acautelou-me — podes pagar e acabar por ficar sem nada. Não tens ninguém a quem te possas queixar, estás a perceber? O polaco pode ser um vigarista ou acobardar-se no último

minuto. É como dar um tiro no escuro, mas é melhor do que não dar tiro nenhum. — Depois, voltou a queixar-se da má qualidade da cerveja israelita.

\* \* \*

Passado um ano, já me tinha esquecido dos duzentos dólares do mercado negro que lhe entregara, e sobre os quais não falara à minha mulher. Não eram a primeira coisa que perdia na vida e sentia-me aliviado por não ter de regressar ao meu passado. Fiquei surpreendido quando recebi um envelope de papel pardo com um bilhete do Dominicus lá dentro e uma fotocópia do manuscrito do Alex Ehren.

Só de olhar para a cópia, percebi logo que o original parecia estar bem conservado, embora lhe faltassem algumas páginas e outras parecessem ligeiramente danificadas, como se um inseto ou outro animal, possivelmente um rato, lhes tivesse mordiscado as pontas. Nunca vim a saber como é que o embrulho com o diário fora encontrado. O manuscrito ainda estava legível, apesar de ter passado muito tempo dentro do buraco húmido por debaixo dos nossos beliches. Na noite após a seleção que o Dr. Mengele fez, embrulhámos as folhas pela última vez no papel de alcatrão e na manga do oleado que cheirava a sereias, a peixe e a liberdade.

\* \* \*

O Alex Ehren morreu. Levou um tiro numa marcha da morte perto de um local chamado Bischofswerda, na Baixa Lusácia, ou *Lausitz*, como os alemães chamavam àquela parte da Silésia, pouco mais de uma semana antes de termos sido libertados pelo Exército Vermelho. Naquela manhã, passáramos pelos pomares de cerejeiras em flor e, embora eu estivesse exausto e faminto, sentia-me exultante com a aproximação da primavera. Arrastávamo-nos com as nossas socas de madeira, mais mortos do que vivos, mas tentávamos manter as filas bem cerradas, porque, ao tocarmos nos braços uns dos outros, impedíamos que os mais fracos caíssem. Aqueles

que ficavam para trás eram abatidos com um tiro no pescoço pelas sentinelas das SS na cauda da nossa triste procissão. Alguns tinham de arrastar uma carroça com os mortos que, à noite, enterrávamos nos campos.

Por volta do meio-dia, chegámos a um cruzamento e, devido ao fluxo crescente de refugiados alemães, virámos para um trilho que nos conduziu pelo meio de um pinhal, suavizado por fetos e flores de mirtilo.

O Alex Ehren puxou-me pelo braço e os seus olhos ganharam vida.

— Vamos fugir — disse-me. — Não vai haver melhor altura para o fazermos.

Porém, eu estava fraco e resignado à minha morte. Na verdade, estava certo de que os soldados das SS nos iriam abater a tiro e depois desaparecer entre a população local para não serem apanhados pelos russos que se aproximavam.

O Alex Ehren avançara para a extremidade da nossa coluna e, quando o trilho curvou para a esquerda, ele correu para o meio da escuridão dos pinheiros. Uma das sentinelas, o homem a quem costumávamos chamar Padre, reparou e seguiu-o para o meio da mata. Ouvimos o *staccato* da sua arma automática e soubemos que alvejara o Alex. Não enviaram ninguém para recolher o corpo e ele foi deixado onde caíra, entre os fetos e as flores de mirtilo.

\* \* \*

Quando acabei de reler o diário, fui de carro até Jerusalém para ver outros documentos existentes nos arquivos de Yad Vashem. Ouvi os testemunhos orais recolhidos por Gershon Ben-David, da Universidade Hebraica, falei com sobreviventes e li tudo o que consegui encontrar. Não podemos dizer que houve o holocausto de seis milhões, mas, sim, seis milhões de holocaustos distintos, todos diferentes uns dos outros, cada um com o seu próprio sofrimento, os seus medos e as suas cicatrizes. Ao longo de toda uma vida, tentei esquecer, suprimir e apagar a memória do meu holocausto. No entanto, quando ele finalmente me conseguiu apanhar,

senti uma vontade tremenda de saber e compreender, porque só trazendo os meus pesadelos a lume conseguiria livrar-me da minha culpa. Eu era como uma árvore solitária numa floresta abatida e sentia-me culpado por ter sobrevivido enquanto tantos outros tinham morrido.

Mas depois, entre o nevoeiro da quantidade excessiva de informação, tropecei em dois factos espantosos. Apercebi-me de que o campo familiar checo em Birkenau não resultara apenas do capricho de um funcionário qualquer do gabinete central de segurança do Reich, mas que fazia parte de um esquema hediondo, um jogo que os nazis tentaram jogar com os Aliados.

Em 1943, após a perda de África e a retirada de Estalinegrado, o SS *Reichsführer* Himmler apercebeu-se de que a guerra estava perdida. Numa tentativa de salvar a Alemanha da destruição total e de se salvar a si próprio do cadafalso, tentou negociar a paz em separado com os ingleses e os americanos. Tal como outros líderes nazis, ficara prisioneiro das suas próprias palavras e temia que os judeus, que supostamente estariam à frente da política dos Aliados, colocassem em causa os seus planos. Para desacreditar os relatórios da aniquilação de judeus na Europa, em junho de 1944, o RSHA — o gabinete central de segurança do Reich, ou *Reichssicherheitshauptamt* — permitiu (após demoradas e entediantes negociações) que uma comissão internacional da Cruz Vermelha visitasse o gueto de Theresienstadt. O gueto foi bem preparado para a visita: vários milhares dos seus prisioneiros foram enviados para campos de extermínio; as paredes exteriores das casas foram pintadas de fresco; e as lojas, um café e um jardim foram abertos e depois imediatamente fechados após a partida dos investigadores suíços. Os prisioneiros do gueto foram avisados para não revelarem a terrível verdade que se escondia por detrás daquelas paredes caiadas. No entanto, ainda havia algum receio de que a comissão pudesse vir a ter conhecimento do transporte de pessoas para leste e fizesse algumas perguntas acerca do seu paradeiro.

Foi o campo familiar checo em Birkenau, ou, pelo menos, alguns dos seus prisioneiros, que proporcionou um álibi contra os rumores acerca do homicídio organizado dos judeus em

Auschwitz-Birkenau. Houve três transferências de prisioneiros de Theresienstadt para Birkenau: dois transportes efetuados em setembro de 1943; dois em dezembro de 1943; e depois mais alguns comboios carregados com um total de sete mil e quinhentas pessoas, em maio de 1944. Cada contingente permaneceria seis meses em Birkenau, perecendo depois nas câmaras de gás e sendo substituído pelo transporte seguinte. No caso de serem necessários como meio de prova, algumas famílias adequadas, homens, mulheres e crianças seriam selecionados, bem alimentados durante algumas semanas e desfilados, vestidos decentemente, limpos e vivos, perante a comissão da Cruz Vermelha suíça para desacreditar de uma vez por todas as alegações de um holocausto.

O segundo facto foi ainda mais desconcertante. Do total de dezassete mil quinhentos e dezassete prisioneiros que haviam sido levados do gueto de Theresienstadt para o campo familiar BIIB, em Birkenau, alguns morreram de doença e inanição, mas a maioria foi assassinada nas câmaras de gás. A primeira remessa de três mil e oitocentas pessoas morreu na noite de 7 para 8 de março de 1944 e o segundo contingente, com mais de dez mil pessoas, morreu nos dias 11 e 12 de julho de 1944. Outros dois mil setecentos e cinquenta prisioneiros foram enviados para a Alemanha e, destes, apenas mil cento e sessenta e sete ainda estavam vivos em vários campos de trabalho forçado no final da guerra.

Segundo estes números, a taxa global de sobrevivência dos prisioneiros do campo familiar checo foi de uns meros seis vírgula seis por cento.

No entanto, houve um grupo de cinquenta homens e mulheres, dos quais oitenta e três por cento ainda estavam vivos no final da guerra, em maio de 1945. A minha descoberta tornou-se ainda mais desconcertante quando percebi que esses sobreviventes eram quase todos intelectuais que não estavam habituados ao trabalho manual nem possuíam a vitalidade animal que é essencial para a sobrevivência na selva dos campos de concentração. É verdade que eram relativamente jovens e saudáveis porque, caso contrário, não teriam sido selecionados pelo Dr. Mengele. Não havia artesãos qualificados entre eles ou pessoas em posições privilegiadas que



pudessem ter tido acesso a alimentação adicional. Eram prisioneiros absolutamente banais que partilhavam o destino e o sofrimento de todos os outros prisioneiros.

No entanto, tinham uma coisa em comum. Todos eles haviam trabalhado no bloco das crianças durante os últimos três meses da sua passagem pelo campo familiar de Birkenau. E embora o diário do Alex Ehren não seja explícito quanto à razão da sobrevivência destas pessoas, a chave para este enigma encontra-se escondida nas linhas do manuscrito. Pelo menos, essa é a minha convicção.

## 1.

# Auschwitz-Birkenau

A ideia de uma insurreição brotou espontaneamente na mente de Alex Ehren, como uma bolha de ar que sobe desde as profundezas de um pântano ou como as asas de um inseto a emergir do seu casulo.

É certo que todas as noites sonhava com uma fuga porque, na escuridão, tudo parecia possível, até mesmo atravessar a vedação eletrificada, escalar o fosso, evitar a série de cães e sentinelas. Durante a noite, a escuridão nunca era total porque havia sempre projetores a varrerem o campo com um feixe de luz brilhante e a vedação estava guarnecida de candeeiros montados em pilares que se curvavam para a frente como cobras. Ele fechava os olhos e pensava na liberdade. Contudo, nunca antes se atrevera a sonhar com um motim, um confronto armado com os alemães.

Alex Ehren chegara ao campo familiar de Birkenau em dezembro de 1943. Os cinco mil e sete prisioneiros — homens, mulheres e crianças — tinham viajado em dois comboios, um que partira do gueto de Theresienstadt no dia 15 e outro que saíra no dia 18 desse mesmo mês. Após vários dias passados num vagão fétido, os prisioneiros chegaram a Birkenau na véspera de Natal. Foram despojados das suas escassas posses, tatuaram-lhes um número de série no antebraço esquerdo e, envergando trapos miseráveis, foram encaminhados para BIIb, o campo familiar checo. BIIb era um dos sete recintos de Birkenau. Ao lado, ficava o campo de quarentena e, em frente, o recinto onde as SS reuniam as jovens húngaras

antes de as despacharem para campos de trabalho forçado na Alemanha. Noutro campo, sete mil famílias ciganas estavam alojadas em blocos de madeira e, mais longe, ficavam o campo masculino e o campo feminino. Por fim, na extremidade do acampamento, encontrava-se o hospital do campo, onde os médicos das SS levavam a cabo as suas experiências macabras. Quando os transportes de dezembro chegaram ao campo familiar checo, encontraram-se com os contingentes que haviam vindo anteriormente de Theresienstadt, enviados para Birkenau três meses antes, em setembro de 1943.

Quem fora transferido em setembro tinha uma certa vantagem relativamente aos recém-chegados, porque lhes havia sido permitido manterem algumas roupas, que podiam estar sujas e desalinhadas após três meses de vida no campo, mas, ainda assim, não deixavam de ser suas. Mais de mil já haviam morrido de fome, doença e trabalho árduo, mas aqueles que ainda se mantinham vivos já conheciam bem as condições indescritíveis de um campo de concentração.

Os dois grupos conviveram nos blocos sobrelotados durante mais três meses. No dia 1 de março, ambos — aqueles que haviam chegado em setembro, bem como os recém-chegados em dezembro — puderam escrever um postal com vinte e cinco palavras em maiúsculas. Uma semana depois, as pessoas de setembro foram selecionadas e obrigadas a marchar para o campo de quarentena adjacente. Durante o dia, puderam andar de um lado para o outro e gritar mensagens para os amigos que se encontravam do outro lado da vedação eletrificada. Ao final da tarde, fecharam-nos no bloco e, à noite, enfiaram-nos em enormes camiões militares e levaram-nos embora.

Naquela noite terrível, nenhuma das pessoas que haviam chegado em dezembro conseguiu dormir. Alex Ehren observou o campo de quarentena através de uma fresta na parede, com os companheiros Fabian e Beran, agachado com os joelhos e as mãos no chão, como um animal. Até àquela noite, eram as pessoas de setembro que comandavam: eram os responsáveis pelos blocos, os escritvãs, os *kapos*, os cozinheiros e os chefes dos vários grupos de

trabalho, enquanto os recém-chegados trabalhavam nas estradas ou dragavam as valetas. Correu o boato de que os prisioneiros que se encontravam no campo de quarentena seriam enviados para um campo de trabalho na Alemanha, mas também se ouvia o sussurro tenebroso e assustador de que seriam mortos. Havia sempre rumores. Como as marés do mar, eles vinham e iam com cada manhã. Espalhavam-se de boca em boca até morrerem e serem substituídos por outros.

— Um homem ouviu as sentinelas alemãs a conversar na casa dos guardas.

— O que estavam a dizer?

— Que eles vão para Heydebreck. Um campo de trabalho.

— O Mietek, o polaco, diz que não se vê comboio nenhum. E que não têm uniformes da prisão. Eles não iriam enviar um carregamento de pessoas vestidas com trapos.

— Vão dar-lhes roupas quando chegarem ao campo novo.

— Os postais eram para quê?

— Para provar que os mortos ainda estão vivos — retorquiu Fabian. — Senão, porque é que nos ordenaram que escrevêssemos nos postais a data de daqui a uma semana?

— É porque o correio tem de passar pelo censor.

— Há algum tempo, um oficial alemão mandou o Fredy Hirsch, o responsável pelo bloco das crianças, escrever um relatório. Porque haveria um oficial das SS fazer o caminho todo desde Berlim para saber como estavam os putos judeus?

— Um oficial?

— Dizem que foi o *Obersturmbannführer* Eichmann. Falou com a Miriam e levou uma carta ao Edelstein, o antigo decano do gueto. Talvez as crianças venham a ser trocadas.

— Pelo quê?

— Por prisioneiros de guerra alemães. Por camiões. Não deixaram que ficássemos com o cabelo? E nós não usamos os uniformes prisionais às riscas.

Fabian contraiu os lábios.

— Nós trazemos trapos com uma risca vermelha pintada a tinta de óleo nas costas.

— Eles não separaram as famílias.

— Para nos poderem enviar pela chaminé acima todos juntos.

Havia alturas em que Alex Ehren se fartava de Fabian e das suas previsões negras. Fabian era um homem pequeno, com um nariz fino e óculos, que ele conseguira salvar por entre a confusão. Uma das lentes estava rachada e ele limpava o vidro constantemente, como se assim conseguisse reparar o estilhaço. Eles tentavam calá-lo, evitar a companhia dele, mas o beliche estava a abarrotar e tinham de suportá-lo, tal como uma pessoa tem de suportar uma dor de dentes.

Seguiram-se horas de caos, depois de os prisioneiros de setembro terem sido enfiados no campo de quarentena, mas perto do meio-dia, Willy, o responsável alemão pelo campo, nomeou os novos «dignitários» de entre o contingente de dezembro que permanecia. No domingo anterior, Willy organizara um jogo de futebol na enlameada estrada do campo, pelo que optou por nomear os jogadores e as respetivas mulheres como responsáveis pelos blocos, cozinheiros e chefes dos grupos de trabalho. Alex Ehren viu o seu novo responsável pelo bloco saltar para cima da chaminé horizontal que atravessava o bloco a todo o comprimento e percorrê-la de uma ponta à outra, agitando a vergasta no ar. Era um excelente jogador de futebol, um rapaz pesadão com um tufo de cabelo louro que lhe caía sobre a testa.

— Quem for apanhado fora do bloco leva um tiro.

Ele não estava habituado a esta nova autoridade, pelo que a voz lhe saía aguda e forçada. Ou dás ou levas, pensou ele, olhando para os rostos nos espaços cavernosos dos beliches. Tinha dezoito anos acabados de fazer e, se não lhe tivesse vindo parar esta nova função às mãos, teria morrido a trabalhar nas valetas. Olhou para as socas de madeira, que rapidamente trocava por sapatos a sério. Agora era um homem rico, porque o seu assistente escumava a sopa dele antes de os prisioneiros receberem as suas rações. E, por uma tigela de sopa, podia ter uma mulher. Ele ainda era virgem e, quando pensava numa rapariga, não via um rosto nem ouvia uma voz, concentrando-se apenas nos seios e nas partes privadas. E quanto mais tempo ele pensava em mulheres, tanto mais aguda e febril a sua voz se punha.

Não foram autorizados a sair do bloco, mas através da fenda na parede, Alex Ehren viu o fumo azul dos camiões no campo de quarentena. Os soldados das SS moviam-se em grupos e os *kaapos*, com os seus galões bem visíveis, batiam às portas dos blocos.

— Olha — disse Beran, numa voz rouca de medo —, eles estão a ir-se embora.

Debaixo dos feixes de luz, os *kaapos* encaminhavam os prisioneiros para os camiões. Não estava a ser uma partida ordenada, mas antes uma fuga das vergastadas e dos dentes dos pastores-alemães. Os prisioneiros avançavam aos tropeções sob o brilho súbito e viravam-se para um lado e para o outro, numa tentativa de se manterem agarrados aos seus amigos. Os *kaapos* batiam-lhes para os juntar cada vez mais e, quando um camião já estava a abarrotar de homens, mulheres e crianças, fechavam bruscamente a porta traseira e vergastavam os outros para os enfiarem noutra veículo. Era um cenário de caos e desespero, e Alex Ehren sentiu o coração na garganta. Havia uma criança sozinha na estrada e um *kapo* ergueu-a para os braços da mãe. Uma mulher com o cabelo espetado como um halo negro tentou furar o círculo de sentinelas, mas um soldado atingiu-a com a coronha de uma espingarda e o rosto dela ficou carmesim com o sangue. Ouviu-se um ruído e um tumulto que chegou ao bloco onde Alex Ehren mantinha um olho encostado à fenda. Era o som da desintegração e da balbúrdia, dos camiões que tinham dificuldade em libertar-se da lama, dos *kaapos* aos gritos, de uma Babel de línguas, de ordens em alemão e dos cães, que estavam loucos de excitação. No entanto, por cima de tudo isso, era o som das pessoas, um som que, como a água a cair de um penhasco, era prenhe de terror e dissonância. Os camiões começaram a mover-se e o campo de quarentena, iluminado pelos projetores, ficou deserto. Contudo, o chão ainda continha marcas da sua presença: os chapéus, os sapatos e os casacos rasgados, as tigelas da comida e um brinquedo que alguma criança deixara para trás.

— Ouve — disse Beran, erguendo o queixo. — Eles estão a cantar.